

UNIVERSIDADE PRESBITERIANA MACKENZIE
CENTRO DE COMUNICAÇÃO E LETRAS

RAFAELA RESENDE FRIGÉRIO

“FRONTEIRA”: RELATÓRIO DE DESENVOLVIMENTO DO
LIVRO-REPORTAGEM SOBRE SAÚDE MENTAL E
SEU CONTEXTO RELACIONAL

SÃO PAULO
2019/1

RAFAELA RESENDE FRIGÉRIO

**“FRONTEIRA”: RELATÓRIO DE DESENVOLVIMENTO DO
LIVRO-REPORTAGEM SOBRE SAÚDE MENTAL E
SEU CONTEXTO RELACIONAL**

Relatório do Trabalho de Conclusão de
Curso (TCC) da graduação de
Jornalismo, do Centro de Comunicação
e Letras (CCL) da Universidade
Presbiteriana Mackenzie.
Orientador: Hugo Harris

São Paulo

2019/1

“Este Trabalho de Conclusão de Curso não reflete a opinião da Universidade Presbiteriana Mackenzie. Seu conteúdo e abordagem são de total responsabilidade de seu autor.”

RESUMO

Este relatório visa contemplar o planejamento e desenvolvimento do livro-reportagem *Fronteira*, constituído a partir de uma série de reportagens que compõem uma coletânea de histórias do cotidiano acerca da saúde mental e da psiquiatria contemporânea. A partir de um relato familiar sobre o tema, procurou-se entender o contexto social e relacional dos transtornos mentais, suas particularidades e possibilidades de entendimento e/ou tratamento, sempre buscando o protagonismo dos personagens e a característica confessional das entrevistas. Além disso, buscou-se também analisar eticamente o tema e a abordagem do mesmo, na tentativa de compreender a saúde mental (vide a produção deste próprio trabalho jornalístico) como uma faceta potencialmente útil da realidade, não como uma verdade absoluta. Enquanto a leitura de Cosson (2001) orientou a fomentação estrutural do texto, a ficção de Carrascoza (2014) e o documentário *Elena* (2012) guiaram a construção da narrativa do livro-reportagem. *Fronteira*, apresentado como um trabalho de conclusão de curso de Jornalismo na Universidade Presbiteriana Mackenzie, integra uma narrativa compartimentada em seis capítulos que narram da vivência familiar à percepção global de saúde mental, em que os conceitos de normalidade e lucidez são colocados à prova.

Palavras-chave: jornalismo literário; saúde mental; psiquiatria contemporânea.

ABSTRACT

This report aims to look on planning and development of a journalistic book built on a series of pieces around daily stories about mental health and contemporary psychiatry. From a family narrative, the key objective was to understand the social and relational context of mental disorders, their particularities and possible understandings and/or treatments, always focusing on the characters protagonism and the confessional essence from interviews. In addition, ethical analysis on the theme was another main matter in attempt to comprehend mental health (such as the journalist work itself) as a potentially helpful facet from reality – not as an absolute truth. While the reading of Cosson (2001) guided the text development, fiction story by Carrascoza (2014) and documentary feature Elena (2012) helped to build the book's narrative. *Fronteira* (Border), presented as a final journalist essay for Universidade Presbiteriana Mackenzie, embraces six chapters that describe family experience to a global take on mental health in which the concepts of normality and lucidity are put on a trial.

Keywords: literary journalism; mental health; contemporary psychiatry.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	07
1. REFERENCIAL TEÓRICO	10
1.1 Jornalismo do cotidiano	10
1.2 Jornalismo e literatura: a realidade e a ficção	11
1.3 Jornalismo de imersão	12
1.4 Livro-reportagem	13
2. DESENVOLVIMENTO DA PEÇA	15
2.1 Planejamento para a realização do produto	15
2.2 Narrativa	16
2.3 Linguagem	17
2.4 Planejamento gráfico	17
3. CONSIDERAÇÕES FINAIS	19
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	21
ANEXOS	23

INTRODUÇÃO

Nos últimos anos, o tempo médio de leitura do cidadão brasileiro caiu, enquanto o volume de informações às quais somos submetidos aumenta exponencialmente. Segundo pesquisa da ZenithOptimedia reportada pelo britânico The Guardian, o tempo de leitura de jornais caiu mais de 25% em quatro anos (entre os períodos de 2010 e 2014) ao redor do mundo.

Assim, o formalismo noticioso pautado por critérios da noticiabilidade teorizados pelo jornalismo norte-americano no século XX vai de encontro a atual necessidade de entrarmos em contato com leituras capazes de produzir sentido, formar repertório cultural e, por sua vez, instigar novas leituras e pesquisas.

Este é um relatório de pesquisa que orientou a realização de um produto jornalístico apresentado como um trabalho de conclusão de curso (TCC) do Centro de Comunicação e Letras (CCL) da Universidade Presbiteriana Mackenzie. O livro pretendeu reunir uma coletânea de histórias acerca da saúde mental a partir da concepção de um livro em padrão jornalístico que compreendeu uma série de reportagens dedicadas ao entendimento do tema proposto. Tal estudo se deu a partir da análise de um caso de uma família ítalo-brasileira, a família Altimare, ocorrido entre as décadas de 1930 e 1980.

O modelo de livro-reportagem abre espaço para discutir assuntos que nem sempre teriam espaço no jornalismo cotidiano noticioso, criando uma “ruptura” ao sistema proposto frente à agilidade em reproduzir notícias. Segundo Ferreira (2003, p. 324-325), “ruptura não se refere apenas ao que não é publicado nos jornais, ‘ruptura’ diz respeito ao que o sistema (a ordem dominante vigente, seja ela qual for), não quer ver nem discutir (...)”. Neste sentido, o reportagem apresentou um tema com relevância sociopolítica, ao destrinchar a saúde mental por meio da análise de micro conjunturas.

A escolha do tema - cujo objetivo principal foi analisar a psicologia moderna a partir de relatos familiares e perspectivas singulares (o contexto relacional ao qual os personagens estão inseridos) - permitiu acompanhamento da rotina dos entrevistados e densa pesquisa daqueles que já estão mortos (por meio de relatos indiretos, entrevistas e investigação de documentos), além de capacitar a construção de narrativas embasadas no jornalismo interpretativo gerador de novos significados

e sentidos e, assim, tentar suprir certos vazios informativos referentes aos fatos que delinearão a vida desses personagens.

A partir de uma história pessoal descrita pelo relato de personagens (com atuação ativa dentro do contexto), o produto jornalístico construído por meio deste relatório de pesquisa foi capaz de conectar narrativas universais acerca da saúde mental - sem deixar de lado o aspecto íntimo da perspectiva pessoal de quem compartilha a história. O tema possibilitou resgate à memória afetivas dos leitores do produto, além de permitir uma experiência de conforto - ou seja, ato capaz de cruzar lembranças destes com as dos personagens descritos no livro.

Baseado em dados factuais, a reportagem propôs um novo estudo jornalístico interpretativo, mas também informativo, opinativo e diversional por meio de uma narrativa mais ou menos atemporal. O produto jornalístico resultante deste relatório de pesquisa se comprometeu a misturar as classificações definidas por Lima (2004) segundo a natureza do tema e objetivo da obra: trata-se de um livro-reportagem perfil, depoimento, retrato, história e nova consciência.

Assim, por meio da pesquisa documental e por entrevistas, a pergunta-problema proposta inicialmente era: como um livro em padrão jornalístico pode explorar a saúde mental e a temática da psiquiatria moderna a partir de relatos singulares calcadas em seus contextos relacionais?

Trata-se de um produto sobre o hiatus - não a gênese, já que não ocorreu uma crítica à concepção de um fato ou momento histórico; nem mesmo uma análise de resultados, uma vez que não houve julgamento dos dados coletados, mas um olhar jornalístico (criterioso, imparcial, mas também humano e sensível) sobre os entremeios que permearam a configuração do que é saúde mental e o seu contexto relacional.

A realização desse livro-reportagem se justificou, de forma inicial, pelo conceito de "romance-reportagem" de Cosson (2001), segundo o qual o jornalista possui liberdade de propósito para escolher sua pauta a partir do engajamento pessoal do repórter com as questões referentes ao tema, já que tal trabalho ultrapassa os limites de uma notícia meramente informativa e são mutáveis a partir do mundo particular do repórter. Uma vez que o jornalismo é tratado como uma ciência humana, o jornalista invariavelmente afetará seu produto jornalístico por meio de suas prerrogativas e experiências.

Ainda segundo Cosson, o livro-reportagem une a força poética da forma literária com a força sociopolítica do tema e objetivo da reportagem. Assim, faz-se necessário questionar a imparcialidade e o caráter factual do jornalismo e seus critérios acadêmicos.

Ainda, seria possível discorrer sobre o caráter jornalístico do estudo, mas, para tal, esbarrar-se-ia na questão da diferença temática entre a História e o Jornalismo, já que o último, em especial em seu caráter interpretativo, é capaz de investigar acontecimentos temporalmente distantes.

Segundo Vainfas (1996, p. 10), o prefácio da obra de Duby e Veyne (2009)

esboçou o território em que se deviam mover os historiadores da vida privada e as dificuldades que podiam encontrar para distingui-lo da totalidade social como esfera específica. Por outro lado, nele se reconheceu que a vida privada era domínio incipiente do conhecimento histórico.

Assim, já há muito se valoriza o privado como relevante para o coletivo e para a compreensão de importantes acontecimentos históricos e o contexto que os precedem e, portanto, justifica-se a investigação jornalística do cotidiano (no caso, do relato familiar) e o trabalho do jornalista como “historiador” da esfera privada com importância pública.

O intuito do trabalho proposto foi revelar a realidade representativa de um universo amplo, ou seja, explicitar a macroestrutura histórica da psiquiatria a partir de micro-conjunturas de relatos pessoais, cotidianos, familiares e, inevitavelmente, afetivos (ou seja, o contexto relacional do indivíduo).

De acordo com Gomes (2000, p. 195), o “mito familiar” não é um dado e deve ser investigação a fim de revelar “a face invisível do que era visível na família”. Segundo a autora, tais mitos permeiam as relações familiares e articulam a simbologia por trás dos papéis da família e as condutas e ações de cada membro desse núcleo.

Conforme discutido por Gomes, tais histórias familiares possuem potencial para destrinchar estruturas sociais maiores e mais complexas por meio de seus símbolos e representações na sociedade. Além disso, este objeto de estudo é passível de análise e investigação jornalística.

1. REFERENCIAL TEÓRICO

1.1 Jornalismo do cotidiano

Na introdução da obra de Barros (2001), Lima (p. 16) disserta sobre a potencialidade do jornalismo cotidiano para explicitar importantes acontecimentos históricos (no caso, o desenvolvimento da psiquiatria moderna). Segundo o autor, “no cotidiano danificado historicamente e localizado geograficamente, a exemplificação de como o jornalismo, por esse vício de formação, deixa muitas vezes de aproveitar a realidade na sua dimensão plena.”

A partir desta análise, foi possível apreender que, por trás de um inerente regionalismo e individualidade de um caso isolado, histórias do cotidiano têm competência para exemplificar e trazer à tona uma realidade complexa e multifacetada.

Além disso, tais acontecimentos cotidianos, familiares e únicos foram capazes de revelar sutilezas e pormenores que seriam deixados de lado caso a narrativa principal fosse a única a ser contemplada. O jornalismo do cotidiano possibilitou a produção de novos sentidos a partir de acontecimentos humanos presentes, além de trazer protagonismo a grupos sociais que, de outra maneira, seriam marginalizados na história do cotidiano e nas narrativas da contemporaneidade.

Medina (2003, p.46) acredita que, “(...) ao desejar contar a história social da atualidade, o jornalista cria uma marca mediadora que articula as histórias fragmentadas.” Assim, a narrativa se assume como uma resposta humana diante do caos.

Ainda, Medina (2003, p.74) propõe como a origem da construção social dos sentidos os acontecimentos da rua e do cotidiano. Portanto, a comunicação apresenta-se como um gesto coletivo e uma ação solidária ao “construir redes de significação humana” ao traduzir o “homem ser” e o “mundo vivo e vivido” (p. 99).

Medina também encontra “na grande narrativa autoral (nomeada como a reportagem interpretativa, investigativa, literária, conforme as correntes que se sucederam ao novo jornalismo)” (2003, p. 129) o poder de tecer o presente por meio da construção da realidade simbólica das narrativas (2003, p.136).

1.2 Jornalismo e literatura: a realidade e a ficção

Ferreira (2003, p. 234), por meio da análise do registro escrito e pelo processo das entrevistas, disserta sobre a dificuldade comum

entre as narrativas ditas ficção e às classificadas de não-ficção: a tensão entre o real que 'é' mesmo – sempre inalcançável, pelo menos em algum grau – e o resultado do que é possível perceber e transmitir deste, de acordo com o lugar de anunciação das narrativas, que estrutura sua produção e difusão.

Por meio do trecho citado, o autor revela a dificuldade em manter a objetividade e a imparcialidade inerentes ao trabalho jornalístico – ao menos segundo às regras do jornalismo norte-americano do século XX e seus critérios da noticiabilidade e construção formal da notícia com técnicas como o *lead* e pirâmide invertida. Dessa forma, acaba por revelar que o texto, seja ele ficcional ou não, é apenas uma representação do objeto narrado, com maior ou menor dever com a verdade.

Ainda, os processos narrativos realistas são um marco do gênero romance-reportagem já que “substituem, discursivamente, as técnicas de controle da subjetividade e garantem a perfeita adequação entre o discurso ficcional e a diegese factual do romance-reportagem”. (Cosson, 2001, p. 47)

A utilização de técnicas literárias no texto jornalístico auxiliam na fruição do material e na possibilidade de extensão da reportagem. Segundo Lima (Lima, 2009, p. 147), quanto mais balanceada a combinação dos elementos narração, descrição, exposição e diálogo, maior a capacidade em se atingir um texto com boa qualidade de redação.

Castro e Galeno (orgs., 2005, p. 127 e 128) são categóricos sobre a qualidade da redação jornalística:

“é preciso reformular o *fazer jornalístico*, atualmente preso às concepções técnicas, desde o levantamento de informação – o *lead* das escolas norte-americanas – à mecanização dos textos determinada pelas camisas-de-força dos projetos editoriais adotados em série. É preciso dar ao texto jornalístico a mesma atenção que à narrativa literária (...)”.

O jornalismo literário (ou *The New Journalism*) foi sistematizado na década de 1970 por Wolfe (1973), o qual muito teorizou sobre Hunter S. Thomson e sua produção jornalística – o jornalista foi o criador e o principal expoente do jornalismo “gonzo”. A partir da utilização de recursos literários, como a descrição, o monólogo interior, digressões e o cena-a-cena, Thompson descreveu acontecimentos factuais.

No Brasil, Faro (1996) se utilizou da Revista Realidade e do Jornal da Tarde para cunhar seus estudos sobre o jornalismo de imersão e a narração noticiosa. Segundo o autor,

o significado do novo jornalismo, como se vê pela descrição de sua proposta, abria as perspectivas da reportagem além dos limites da imprensa norte-americana. Tanto quanto os demais questionamentos daquilo que se pode caracterizar como “a cultura dos anos 60”, esse movimento que introduzia possibilidades ilimitadas de aprofundamento do texto jornalístico se estendeu para a própria concepção do papel da imprensa na sociedade e das possibilidades de que sua atuação não se restringisse ao mito da objetividade.

A partir do trecho acima é possível apreender que Faro compreende o novo jornalismo não só por sua proposta de mudança nas técnicas textuais de estrutura e narração, mas também na tarefa do jornalista em empreender um debate na sociedade por meio de sua produção informativa. Ademais, o profissional também têm papel fundamental na disseminação da notícia ao filtrar o que deve estar presente no jornalismo noticioso impresso.

1.3 Jornalismo de imersão

O jornalismo de imersão engloba um conjunto de técnicas de jornalismo de aproximação em que o jornalista vivencia e testemunha ao lado dos personagens a situação narrada e o contexto que a cerca. Medina (1986, p. 29) esclarece o assunto a partir de comportamentos capazes de envolver o entrevistador e entrevistado não só pela técnica, mas também pelo compromisso com a comunicação coletiva e com a fonte de informações. Assim, o jornalista será capaz de redigir uma reportagem com “fluência-eficiência”, ou seja, texto capaz de se comunicar de maneira adequada, coerente e coesa.

Para a realização do produto jornalístico proposto, o jornalismo de imersão foi uma ferramenta para propiciar uma vivência capaz de transmitir detalhes das histórias que, de outra maneira, não poderiam ser captados e introduzidos na narração.

Essa técnica foi ratificada por Faro (1996, p. 105), o qual acredita que a descrição do contexto e dos ambientes, o relato dos diálogos e o envolvimento emocional do repórter são resultados da vivência deste com a informação objetiva.

1.4 Livro-reportagem

Conforme dissertado por Lima (2009, p. 61), “(...) o livro-reportagem estende a função informativa e orientativa do jornalismo impresso cotidiano uma vez que cobre vazios deixados pela imprensa, e amplia, para o leitor, a compreensão da realidade.”

Sobre a possibilidade em resgatar no passado o potencial para a elaboração de reportagens em padrão jornalístico cumprindo a apuração dos fatos, Lima (2009, p. 85) acredita que, “livre do ranço limitador da presentificação restrita, o livro-reportagem avança para o relato da contemporaneidade, resgatando no tempo algo mais distante do de hoje, mas que todavia segue causando efeito neste.” Assim, o autor prevê na investigação a importância da recuperação dos acontecimentos narrados na sociedade atual.

Ademais, o autor (2009, p. 85) crê que

o jornalismo impresso cotidiano padece de outro mal, além das limitações na pauta e na captação: o anacronismo de sua linguagem verbal, nas reportagens de profundidade. Imbricada a isso está a excessiva pressão do texto à informação, perdendo-se o alcance possível de um tratamento mais enriquecedor, de uma exploração que traga, ao leitor, gratificação superior.

Logo, Lima vê no próprio texto - e, conseqüentemente, no livro-reportagem - a ferramenta para a sua fruição, tanto no que diz respeito a sua extensão, mas também (e principalmente) sobre sua qualidade em envolver o leitor por meio de técnicas literárias e narrativas, ou seja, ligadas à linguagem.

Para a concepção de um livro-reportagem acerca da saúde mental e seu contexto relacional, foram importantes referências as leituras de Foucault (1972) e Caffagni (1984). Segundo o primeiro,

A loucura, no devir de sua realidade histórica, torna possível, em dado momento, um conhecimento da alienação num estilo de positividade que a delimita como doença mental; mas não é este conhecimento que forma a verdade desta história, animando-a secretamente desde sua origem.

Esse mesma afirmação é retomada na visão de Sheila McNamee, acadêmica especialista em comunicação humana e construtivismo social, no último capítulo do livro-reportagem “Fronteira”: em “Nós”, McNamee defende a verdade como uma faceta potencialmente útil da realidade capaz de delimitar, assim como proposto por Foucault, o conceito de lucidez e da loucura a partir do contexto histórico e relacional ao qual o indivíduo em questão está inserido.

Foucault também discorre sobre o conceito de loucura como sinônimo de solidão, penitência e privações (1972, p. 24). Tal teoria é fortemente reiterada por Caffagni (1984, p. 9), ao relacionar o isolamento não como causa, mas como consequência do distúrbio mental. É a partir deste contexto que se apreende a importância do convívio humano no combate à individualização, dificuldade de assimilação cultural e desagregação social (1984, p. 18 e 19) - pontos constantemente salientados na narrativa do livro-reportagem, em especial durante o crítico período da adolescência, em que a prevenção à doença mental se faz essencial segundo grande parte dos entrevistados.

2. DESENVOLVIMENTO DA PEÇA

2.1 Planejamento para a realização do produto

Para a realização deste relatório de pesquisa e do produto jornalístico, foram realizadas as leituras dos livros “Romance-reportagem: O gênero”, Rildo Cosson, “Páginas Ampliadas”, Edvaldo Lima Pereira, e “Jornalismo e Literatura: A sedução da palavra”, Gustavo de Castro e Alex Galeno. Estas leituras foram relevantes para compreender o jornalismo literário e a grande reportagem, além de explicitar a liberdade de pauta e os processos de extensão da notícia inerentes a esse tipo de produção. Tais estudos auxiliaram na teorização e redação da pesquisa e nos resultados jornalísticos.

Ademais, os filmes-documentários *As praias de Agnès* (2008) e *Elena* (2012) e a ficção *Forrest Gump* (1994) foram assistidos em conjunto com o livro de Carrascoza (2014), acadêmico da área de comunicação, a fim de esmiuçar o universo artístico-literário de produções que mesclam fatos reais e elucubrações ficcionais.

Também foram realizadas as leituras dos livros-reportagem de Barcellos (2003), Capote (2003) e Talese (2004) como exemplificação de estrutura narrativa e temporal.

Por fim, além da revisão bibliográfica, foram essenciais a organização de documentos e entrevistas – esta última foi a peça-chave para a construção do produto jornalístico descendente deste relatório de pesquisa. A apuração dos fatos contemplou 11 entrevistas.

Não imaginava tamanha distância entre projeto e livro: na prática, acabei por mergulhar em um dois cinco temas propostos no então projeto de desenvolvimento do trabalho. O plano inicial era destrinchar reflexos históricos de grandes acontecimentos que marcaram o século XX por meio de histórias do cotidiano da minha própria família (mais uma vez, das macro às microestruturas). Desde o início, esbarrei em alguns *checkpoints*: o questionamento maior por parte daqueles que avaliaram o projeto consistia no problema da ética jornalística, já que havia decidido me debruçar sobre relatos da minha família. Acredito que, frente a uma “crise” jornalística, faz-se necessário repensar estratégias e cânones da profissão, especialmente em projetos de experimentação e implementação como é o Trabalho de Conclusão do Curso. No caso do erro, da confusão ou de uma apuração falha,

prefiro o recomeço do que a acomodação – esse lema guiou toda a produção do meu trabalho.

Com esse ponto esclarecido, o primeiro tema apurado foi a psiquiatria a partir de uma fato da minha família. No entanto, esse primeiro contato estabeleceu uma introdução ao tema no ritmo pretendido e senti, junto à orientação do trabalho, a necessidade de explorar tantas outras histórias singulares de outras famílias e grupos (ainda abaixo de tal guarda-chuva temático).

2.2 Narrativa

A linguagem do livro-reportagem proposto respeitou a terceira pessoa do singular a fim de dar enfoque aos relatos obtidos pelos personagens da reportagem, mas, quando necessário, a primeira pessoa do singular foi utilizada. Isso se fez presente porque houve envolvimento com os personagens e com as histórias compartilhadas; logo, tal escolha se tornou interessante durante a narração dos fatos.

O livro foi dividido em seis capítulos, destacando o primeiro como uma introdução ao tema. Foram separados de acordo com a temática, sempre conduzida por um personagem e a partir de um contexto afetivo-familiar. Apenas o último leva nome: o “Nós”, nomeação dada por sua característica ambígua: em primeiro lugar, remete à reunião dos personagens de todo o livro que acabaram por explicitar, ainda que a partir de relatos íntimos e singulares, vivências globais da psiquiatria moderna e contemporânea. Depois, “nós” também se refere à ponte entre as histórias, a amarração entre os fatos trazidos ao livro; essa conexão se dá não só pelo texto, mas também pela narrativa visual construída ao longo do livro.

A escolha do nome “Fronteira” é explicitado no último fragmento de texto, ainda que o conceito seja pincelado em alguns outros momentos da narrativa. A ideia foi trazer o conceito de Waly Salomão em Pan Cinema Permanente (documentário de Carlos Nader sobre o poeta citado no livro) acerca da fronteira que separa a lucidez da normalidade. O livro pretendeu expor que tal barreira é construída a partir de definições de um determinado espaço-tempo, tornando-se mais causa do que consequência do isolamento social (logo, do conceito de “saúde/doença mental”).

2.3 Linguagem

A partir das leituras de Barcellos (2003), Capote (2003), Hersey (2002), Talese (2004) e Carrascoza (2014) e da visualização dos filmes-documentários *As praias de Agnès* (2008) e *Elena* (2012) e da ficção *Forrest Gump* (1994), pretendeu-se criar um livro-reportagem com linguagem capaz de transmitir a realidade por meio de ferramentas da literatura (ficcional ou não), criando um “romance-reportagem” (Cosson, 2001) ou “romance sem ficção” (Capote, 2003).

Para isso, foram utilizadas técnicas do jornalismo literário, como a narrativa, a descrição de cenas e jogos temporais (digressões, por exemplo). A fim de criar uma unidade narrativa coerente, ainda que não necessariamente linear, elementos textuais e visual foram utilizados para “amarrar” as histórias e criar conexões.

Em alguns momentos, o propósito jornalístico (ou ao menos o que se apreende deste ideal) dá espaço a uma possibilidade da verdade. Retomo que, ao tratarmos de fatos humanos e construirmos produtos linguísticos-visuais de cunho sociojornalístico, tal verdade apenas mimetiza uma das facetas da realidade, sem nunca apresentá-la integralmente. Contaminada por preceitos próprios inerentes ao ser humano (tanto jornalista, quanto leitor e personagens), o conceito de verdade absoluta abre lugar a um plano de possibilidades e narrativas potencialmente comprometidas com o real.

2.4 Planejamento gráfico

Em “Fronteira”, o projeto estético e visual foi tão importante quanto o textual. Cabe a ele, em grande parte, o trunfo poético e literário. Foi idealizado com o intuito de estabelecer pontes, digressões temporais e temáticas e, vez ou outra, criar espaços de fôlego, riso, apreciação e crítica – é ali onde quero que o leitor derrame seus pensamentos e reflita sobre cada linha propositada (tanto a bordada ou pintada quanto a escrita).

Para a execução e finalização do projeto editorial, contratei Letícia Tozzi para a realização da diagramação do livro. Foram importantes inspirações para o roteiro de layout as edições da Cosac Naify e Ubu. Outras referências de destaque (FOER, 2005; CARRASCOZA, 2017; DRUMMOND, 2015; ELLIOT, 1963; YOUNG, 2016) foram trazidas a fim de criar um painel de ideias aplicadas ao livro-reportagem (tal como a utilização de páginas vermelhas, fontes da mesma cor, justificação gráfica

do texto, interferência digital para destacar algumas passagens, tamanho do material, separação de capítulos, numeração de páginas etc).

As ilustrações foram realizadas por Pedro Luis (Anexo 1), publicitário e artista dedicado e construir narrativas visuais com o bordado¹. Sua obra está relacionada à pretensão textual do projeto: os personagens das fotos de família (da minha e de outras tantas) abraçam o anonimato e se convertem em pseudocenários: são exemplos de macroestruturas da psiquiatria moderna e contemporânea e seus contextos relacionais.

Todas as fotos utilizadas para a execução deste livro são de origem desconhecida: algumas pertencem ao meu arquivo pessoal de fotografias familiares, mas, por se tratarem de registros de mais de 40 anos, não foi possível indicar os responsáveis por elas. Assim, esse material foi doado com o meu consentimento para a produção de algumas das ilustrações. Outras fotos vêm de feiras de antiguidade (destas deixadas em grandes caixas repletas de fotografias, postais e documentos de outrora) - foram coletados por mim e por Pedro em feiras de São Paulo, além de outras fotos do arquivo pessoal do artista.

O livro foi impresso em papel pólen bold 90g/m² offset acid-free com fonte serifada 11pt.

¹ Apenas a última ilustração do livro se utiliza de outra técnica e cartela de cores. Em “Nós”, onde tais amarras linguísticas já são realizadas pelo texto, decidimos por mergulhar em um ambiente mais lúdico de novas perspectivas e possibilidades.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O processo de apuração do livro-reportagem *Fronteira* foi, de longe, das mais recompensadoras atividades que tive na Academia. A experiência do projeto jornalístico, destes com fôlego capaz de se estender por árduos 18 meses (de preparação, planejamento, pesquisa, apuração, verificação, edição, diagramação e impressão), ensina-nos que nenhuma organização prévia dá conta da complexidade do jornalismo de vivência. Os momentos de procrastinação se acumulam na tentativa de explicitar projetos ainda mais recompensadores: foi por meio do ócio e da reflexão que entendi qual caminho, de fato, queria percorrer. E foi também no trabalho, no teor confessional da fala de cada entrevistado, que me coloquei nos trilhos das histórias apresentadas pelos personagens.

O jornalismo nos ensina a arte da constante reconstrução, do ouvido atento e do respeito à crítica – o jornalista perde o capricho do “meu” texto e passa a perceber que sua obra é fruto coletivo do trabalho de muitos (do entrevistado ao revisor). A riqueza da narrativa do romance-reportagem prega peças e faz-se necessário um olhar apurado (e atenção às críticas) para compreender maneiras de como permanecer fiel aos preceitos jornalísticos.

A única preparação que presta contas nestas tais considerações finais é a certeza da mudança, da adaptação, da flexibilidade do texto. Este projeto deu largas braçadas para longe do que fora previsto inicialmente – estranho se permanecesse no mesmo lugar.

As análises teóricas foram de grande valia para a execução do livro, não só pela prática da narrativa, mas principalmente pela análise temática. Neste processo, a compreensão das barreiras entre literatura ficcional e jornalismo literário veio, em grande parte, pela voz do referencial teórico. Destaco aqui a *Trilogia do Adeus* (CARRASCOZA, 2014) e *Elena* (COSTA, 2012) pelo caráter documental e, concomitantemente, ficcional. Entendo que em ambos os casos uma possível dúvida acerca da verdade (fruto não só da condução da narrativa, mas da visão contaminada do autor/diretor) apenas acrescenta à potencialidade informativa e não se apresenta como um demérito documental, mesmo em obras que não possuem total compromisso com a verdade, como na obra ficcional de Carrascoza. No jornalismo, em que tal obrigação faz parte do contrato da profissão, a dúvida abre

espaço para outras perspectivas e facetas da realidade – em vez de tornar o jornalista dúbio, presta-lhe a certeza de olhar atento à diversidade de informação.

O ponto do qual mais me distanciei daquele proposto no início foi a técnica de entrevista. Ainda que a metodologia de imersão tenha sido abraçada, senti que houve uma conexão mais informal e afetiva com os personagens. Essa não foi uma percepção só minha: conversando com colegas, muitos dividiram a mesma experiência no processo de apuração, em que entrevistas tornaram-se bate-papos e trocas de vivência e percepção. Particularmente, não entendo esse movimento como uma perda da ética no trabalho jornalístico, mas uma característica que tem pautado a transformação deste cenário: um jornalismo mais humano capaz de tratar a fonte com empatia, compaixão e reciprocidade, em detrimento de um regresso modelo de sugar informações e sentimentos e não oferecer contrapartidas ao entrevistado (nem ao menos um *hiperlink* da matéria finalizada).

Ainda sobre um modelo de jornalismo contemporâneo, o multimídia torna-se necessário até mesmo na vertente impressa. Assim, conforme já relatado em outros momentos, torna-se clara a qualidade textual da narrativa visual – composta não só pelas ilustrações, mas pelo jogo de cores, paginação, prosa poética, jogo de palavras e outros recursos linguísticos (esses três últimos, ainda que a princípio não-imagéticos, capazes de trazer uma potência visual ao texto escrito).

Acredito que ambas características apresentadas (a técnica de entrevista e o modelo narrativo da transmídia) respondem a pergunta-problema, uma vez que apresentam uma nova maneira de explorar a saúde mental e a temática da psiquiatria moderna a partir de seus contextos relacionais por meio de um livro em padrão jornalístico.

Ainda que a saúde mental seja um tema recorrente no jornalismo atual, a abordagem corriqueira sobre o assunto tende a levar o tema mais ao ostracismo social do que a real inclusão e debate da questão. Como apresentado no livro-reportagem, os conceitos de normalidade e lucidez são frutos de um contexto social em determinado espaço-tempo. Logo, é obrigação do jornalismo difundir informações que desestimulem a categorização patológica de determinados grupos sociais: o jornalista deve trabalhar para trazer luz a outras faces da verdade, divulgar técnicas potencialmente úteis à saúde mental e denunciar atividades que auxiliem na perpetuação do sistema asilar de controle ou isolamento social daquele considerado diferente.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AS PRAIAS de Agnès. Direção de Agnès Varda. Paris: Ciné Tamaris, 2008.
- BARCELLOS, Caco. **Abusado**. São Paulo: Record, 2003.
- BARROS, Ana Taís Martins Portanova. **Jornalismo, magia, cotidiano**. Canoas: Ulbra, 2001.
- CAFFAGNI, Reinidolch. **Síndrome de Kaspar Hauser: Isolamento e Contato**. Votuporanga: Iesa, 1984.
- CAPOTE, Truman. **A Sangue Frio**. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.
- CARRASCOZA, João Anzanello. **Caderno de um ausente**. São Paulo: Cosac Naify, 2014.
- CASTRO, Gustavo de; GALENO, Alex. **Jornalismo e Literatura: A sedução da palavra**. São Paulo: Escrituras, 2002.
- COSSON, Rildo. **Romance-reportagem: O gênero**. Brasília: Unb, 2001.
- DUBY, Georges; VEYNE, Paul. Prefácio e Introdução. In: DUBY, Georges; VEYNE, Paul. **História da vida privada: Do Império Romano ao ano mil**. São Paulo: Schwarcz Ltda, 2009. p. 1-15. Disponível em: <<http://lelivros.love/book/baixar-livro-historia-da-vida-privada-georges-duby-em-pdf-epub-e-mobi/>>. Acesso em: 18 mar. 2018.
- ELENA. Direção de Petra Costa. São Paulo: Busca Vida Filmes, 2012.
- FARO, José Salvador. **Realidade, 1966-1968: tempo da reportagem na imprensa brasileira**. Tese (Doutorado): ECA/USP, São Paulo, 1996.
- FERREIRA, Carlos Rogé. **Literatura e Jornalismo: Práticas políticas**. São Paulo: Edusp, 2003.
- FORREST Gump: O Contador de Histórias. Direção de Robert Zemeckis. Los Angeles: Paramount Pictures, 1994.
- FOUCAULT, Michel. **História da Loucura**. São Paulo: Perspectiva, 1972. Disponível em: <<http://www.uel.br/projetos/foucaultianos/pages/arquivos/Obras/HISTORIA%20DA%20LOUCURA.pdf>>. Acesso em: 21 maio 2019.

GOMES, Denise Mendes. **Mitos Familiares: Memória e ocultação**. Taubaté: Cabral Editora Universitária, 2000.

GUIRADO, Maria Cecília. Investigação sobre o processo de criação da reportagem. **Comunicação: Veredas**, Marília, v. 4, p.225-242, nov. 2005. Disponível em: <http://www.unimar.br/publicacoes/ftp/comunicacao_veredas_5.pdf>. Acesso em: 11 mar. 2018.

HERSEY, John. **Hiroshima**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

LIMA, Edvaldo Pereira. **Páginas Ampliadas**. São Paulo: Manole, 2004.

MEDINA, Cremilda. **A arte de tecer o presente: Narrativa e cotidiano**. São Paulo: Summus Editorial, 2003.

MEDINA, Cremilda. **Entrevista: O Diálogo Possível**. São Paulo: Ática, 1986. Disponível em: <https://issuu.com/emanuellimeira/docs/livro_entrevista-o_di_logos_possivel_cremilda_de_a>. Acesso em: 15 abr. 2017.

RONALDO VAINFAS, 1996, São Paulo. **A História da Vida Privada: dilemas, paradigmas, escalas**. São Paulo: Museu Paulista, 1996. 38 p. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/anaismp/v4n1/a02v4n1.pdf>>. Acesso em: 18 mar. 2018.

SCHWARCZ, Lilia Moritz et al (Org.). **História da Vida Privada no Brasil: Contrastes da intimidade contemporânea**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. Disponível em: <<http://lelivros.love/book/baixar-livro-historia-da-vida-privada-georges-duby-em-pdf-epub-e-mobi/>>. Acesso em: 18 mar. 2018.

SWENEY, Mark. **Time spent reading newspapers worldwide falls over 25% in four years**. 2015. Disponível em: <<https://www.theguardian.com/media/2015/jun/01/global-newspaper-readership-zenithoptimedia-media-consumption>>. Acesso em: 15 abr. 2018.

TALESE, Gay. **Fama e Anonimato**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

WOLFE, Tom. **The New Journalism**. Nova Iorque: Harper And Row, 1973.

Contato: rafafrigerio@gmail.com

ANEXOS



UNIVERSIDADE PRESBITERIANA MACKENZIE
CENTRO DE COMUNICAÇÃO E LETRAS
CURSO DE JORNALISMO

AUTORIZAÇÃO PARA CESSÃO DE USO DE IMAGEM E/OU ÁUDIO

Eu, Pedro Luis Figueiredo Soares, portador do
RG Nº 10502028-3 e CPF Nº 121935627-30,
autorizo, prévia e expressamente, o uso de minha imagem (foto e/ou vídeo) e/ou voz, bem como cedo os
seus efeitos patrimoniais, nos termos do artigo 11 do Código Civil, para o **Instituto Presbiteriano
Mackenzie** e para a **Universidade Presbiteriana Mackenzie**, sem qualquer custo, por tempo
indeterminado, para utilização – sem fins lucrativos – em arquivos físicos e online, seja para consultas
acadêmicas ou reproduções; em publicações experimentais acadêmicas, sejam elas eletrônicas ou
impressas, desde que respeitem a finalidade educacional do trabalho para o qual assino esta autorização.

Para que surta os efeitos legais e estando de pleno acordo com esta autorização, firmo a presente,
juntamente com duas testemunhas.

São Paulo, 29 de 04 de 2019.


 Cedente

Anexo 1